bora talvez mais perto da verdade, conseguirá modificar. A tudo isto acrescenta-se o tom desdenhoso e caricato das páginas de Frieiro que somente serve para antipatizá-lo com o leitor e dar-lhe a pensar que um certo sentimento de desprezo o levou a traçar essa tentativa de reconstrução fisionômica de Gonzaga. O desleixo do escrito é outro ponto fraco deste autor que tem merecido não pequenos gabos da crítica nacional. Não sei porque teria escrito, no prefácio, Abgvar Renault estas palavras que acho descabidas: "Com este volume, que tanto tem de exíguo quanto de admirável, etc.". De exíguo, sim; de admirável... só para os que nasceram em noite de lua cheia.

SILVEIRA BUENO.

MENDES (Renato da Silveira) — *Paisagens culturais da Baixada Fluminense*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Boletim n. 110 — Geografia, n. 4. S. Paulo, 1950. 172 págs., 17 mapas, 4 gráficos, 108 fotos.

A reconquista da Baixada Fluminense constitui indubitavelmente um dos mais empolgantes temas da geografia humana e econômica brasileira. Região que concentrou um dos povoamentos mais antigos do nosso país, tão importante no início da era colonial quanto Bahia e Pernambuco como centro de atração do elemento europeu, a Baixada Fluminense "até meados do século XVIII era uma verdadeira síntese do Brasil colonial: os engenhos e currais, ou a agricultura e a pecuária, que no Nordeste estavam tão distanciados que chegaram a formar tipos diferentes de civilização, no litoral fluminense se localizavam bem próximos. A partir de 1750, aproximadamente, a cultura da cana de açúcar passou a dominar quase que exclusivamente, relegando para plano inferior outras atividades econômicas, principalmente a pecuária, imprimindo à região uma certa uniformidade na paisagem rural". Região açucareira permaneceu até os nossos dias a planície campista, enquanto que as demais áreas da Baixada sofreram terrível decadência da qual só em princípio deste século; ou mais precisamente, nos últimos 25 anos, conseguiu ressurgir, graças aos trabalhos de saneamento ali realizados pelo governo federal.

Tão palpitante assunto vem há muito merecendo a atenção do prof. Renato da Silveira Mendes, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Tendo realizado diversas excursões à região com o objetivo de apreciar "in loco" os seus problemas, assenhoreando-se, ainda, de valiosa documentação histórica e de seguras informações sobre o presente, foi-lhe possível realizar o estudo e a interpretação das paisagens culturais dessa importante região na obra em apreço, recentemente editada pela Faculdade a que pertence. Consta a obra de três partes: 1) Aspectos físicos e divisão regional da Baixada Fluminense; 2) As paisagens antigas; e 3) As paisagens modernas. Na segunda parte, em que o A. reconstitui e sintetiza de maneira muito feliz a história da Baixada Fluminense, são estudados o ciclo do açúcar e a paisagem nos fins do século XIX e princípios do século XX. A terceira parte compreende o estudo da ocupação do solo, da distribuição da população, das paisagens rurais das baixadas de Guanabara e de Santa Cruz, das planícies litorâneas e dos vales interiores e da região açucareira de Campos.

Inúmeras dificuldades (de muitas das quais fomos testemunhas) ofereceu ao A. a reconstituição das paisagens antigas. A falta de documentação, cartográfica principalmente, que torne possível conhecer o aproveitamento do solo e a distribuição da população no passado, não apenas na Baixada Fluminense, mas em qualquer região do país, constitui elemento capaz de levar ao desânimo o pesquisador que por tais caminhos entender enveredar-se. Soube o prof. Renato da Silveira Mendes vencer todas as dificuldades que o tema poderia oferecer, realizando acurada pesquisa histórica nos arquivos do Rio de Janeiro, servindo-se sobretudo de mapas, roteiros antigos, quadros estatísticos, manus-

critos, memórias (Couto Reis, Araruama), o que lhe permitiu elaborar os quatro valiosos mapas referentes à ocupação do solo das primeiras décadas do século XVII até o século XX, os quais dão ao seu livro grande interesse histórico, tornando-o mesmo indispensável para qualquer estudo sobre o passado do Rio de Janeiro.

Excelentes elementos para esse trabalho hauriu o A. nos relatos dos viajantes estrangeiros que percorreram a região no início do século XIX: Saint-Hilaire, Spix, Martius, Luckock, Pohl, o Príncipe de Wied-Neuwied. Aliás, o próprio A. já demonstrou, em trabalho anterior, o quanto a contribuição dos viajantes antigos é indispensável para o conhecimento das paisagens modernas na Baixada Fluminense. Desenvolvendo a tese primitivamente dada à estampa em importante órgão da imprensa paulistana, não fez o A. senão reforçar e confirmar os pontos de vista então expendidos, ressaltando o valor de uma vasta fonte até há pouco inteiramente desprezada, mas à qual já se começa a dar a devida importância.

Na impossibilidade de resumir convenientemente, como gostaríamos, o livro do prof. Silveira Mendes, a fim de para ele chamar a atenção dos estudiosos de história e de geografia, julgamos oportuno transcrever as conclusões a que chegou o A.: 1) As paisagens culturais da Baixada Fluminense foram elaboradas em função das possibilidades oferecidas pelo meio físico e de acordo com as condições econômicas prevalentes em determinados períodos da história da civilização brasileira. Consequentemente, as paisagens culturais se transformaram desde o início da colonização até o presente ora evoluindo para uma conquista do solo mais completa quando a situação econômica assim o permitia, ora regredindo para o abandono da terra quando se alteravam as condições econômico-sociais. 2) A Baixada Fluminense pode ser subdividida em sub-regiões que se caracterizam mais pelas paisagens elaboradas pelo homem do que propriamente pelas diferenciações do meio físico. 3) Além das sub-regiões aceitas pela maioria dos geógrafos, podemos distinguir a "zona dos contrafortes e vales interiores" que embora sendo uma faixa de contacto ou de transição entre as outras, apresenta certas peculiaridades que a diferenciam das demais. 4) Durante o "ciclo do açúcar" as paisagens rurais da Baixa Fluminense apresentavam grande semelhança com as do Nordeste do Brasil, pois os elementos típicos associados à cultura canavieira na época, tais como o engenho, a casa-grande, a senzala, a capela e os meios de transporte, também se difundiram na região. 5) O declínio econômico de várias zonas da Baixada, particularmente na sub-região da Guanabara, deve-se à concentração da cultura canavieira na Planície Campista após o aparecimento dos engenhos a vapor, e não exclusivamente à abolição da escravatura que apenas coroou um processo de decadência já iniciado muito antes desse acontecimento. 6) Embora profundamente modificada pela introdução de novos tipos de exploração agrícola, a paisagem da Baixada de Guanabara ainda apresenta diversos vestígios do passado "ciclo açucareiro". 7) As grandes obras de saneamento empreendidas recentemente devem ser completadas pelo incentivo à colonização, para que haja conservação dos trabalhos e compensação dos gastos com a recuperação da terra. 8) Certas zonas onde a ocupação do solo é contínua e prevalece a monocultura apresentam uma paisagem rural de grande uniformidade, mesmo que a propriedade esteja bastante subdividida, como é o caso dos laranjais de Nova Iguaçu ou de determinados trechos de canaviais em Campos. 9) Nas sub-regiões onde as condições atuais ainda não permitiram a introdução e o desenvolvimento de um produto comercial de grande aceitação, a paisagem rural reflete um sistema de economia fechada e um acentuado caráter de arcaísmo, como é o caso dos vales interiores. 10) A diversidade de paisagens culturais da Baixada é um fato relativamente recente e parece traduzir um melhor aproveitamento dos recursos do meio.

O livro do prof. Renato da Silveira Mendes, representa, pois, uma das mais valiosas contribuições para a bibliografia geográfica de nosso país. Geográfica e também histórica, pois tratando de assunto no qual o apelo ao pas-

sado foi tão freqüente, soube o A. levar avante, com espírito de historiador, uma pesquisa séria e exaustiva, que em diversas ocasiões tivemos o privilégio de acompanhar de perto em viagens e trabalhos que realizamos juntos pela Baixada Fluminense.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.